


A PESQUISA ESCOLAR NO CONTEXTO DIGITAL: UM OLHAR SOBRE A FORMAÇÃO DISCENTE

 <https://doi.org/10.56238/arev7n3-039>

Data de submissão: 06/02/2025

Data de publicação: 06/03/2025

Carla Lopes Cardoso dos Santos

Doutoranda em Ciências da Educação

Facultad Interamericana de Ciencias Sociales (FICS)

Calle de la Amistad casi Rosario, 777, Asunción, Paraguay

E-mail: carlalopes1907@gmail.com

RESUMO

O desenvolvimento tecnológico impôs o redirecionamento e a modelagem do quê e como se aprende, considerando-se as práticas culturais nas quais a vida profissional, social e pessoal dos aprendentes inserem-se diuturnamente. Na construção desse artigo, buscou-se investigar como os estudantes encaram a pesquisa escolar como instrumento pedagógico. Trata-se daquela pesquisa realizada em meio digital, que visa a contribuir na formação de estudantes críticos-reflexivos. O referencial teórico apoiou-se em livros, artigos acadêmicos e e-books. A metodologia foi calcada em uma pesquisa qualitativa, realizada no Google Forms. Foi possível perceber, a partir dos dados analisados, que o aprendente incorpora e adota, progressivamente, o conhecimento adquirido a partir das pesquisas escolares, embora ainda seja necessário investimento pedagógico para aprimorar esse recurso de aprendizagem.

Palavras-chave: Pesquisa Escolar. Tecnologia. Educação Básica.

1 INTRODUÇÃO

Em período antecedente à presença da tecnologia digital nas escolas da educação básica, promover a pesquisa dependia exclusivamente da existência de livros, revistas, jornais ou documentos físicos. Com o advento da internet, os estudantes passaram a ter a seu dispor uma gama de informações dispostas em uma pluralidade de linguagens e variados modos de ler e escrever.

Por outro lado, no ambiente digital, esses atores degustam aspectos distintos do conhecimento que os levam às diversas opções de textos. De certo, não se pode olvidar do poder de informar proporcionado pela internet, mas há que se atentar para o fato de que o ambiente virtual permite que cada um conte determinado acontecimento ou interprete dada teoria à sua maneira. Por isso, é necessário que o estudante fique atento ao conteúdo pesquisado; contudo para assim o fazer, carece de orientação e treinamento.

Reconhece-se a pesquisa como aliada na formação do professor, mas a pesquisa escolar é um assunto que conta com uma produção de trabalhos acadêmicos pouco expressiva no que concerne à visão do estudante. Diante dessa realidade, acredita-se na pertinência deste trabalho que foi, assim, estruturado: desenvolveu-se o tema a partir do capítulo “A pesquisa escolar no contexto digital”, composto pelos seguintes subtítulos: conceito, objetivo e finalidade da pesquisa escolar, seguidos pela formação do estudante pela pesquisa e o estudante da era digital

O caminho metodológico foi calcado em uma pesquisa de cunho exploratório, suportado por um questionário construído na plataforma *google*, através do aplicativo *google forms*, que objetivou conhecer a opinião de estudantes da Educação Básica do segundo segmento do Ensino Fundamental (6º ao 9º ano), de uma escola da rede pública do Estado da Bahia, acerca do objeto de estudo, qual seja “A pesquisa escolar no contexto digital”.

A análise dos resultados foi alicerçada numa abordagem qualitativa, cuja discussão foi baseada em livros, *e-books* e em artigos acadêmicos, com o objetivo de entender como os estudantes encaram a pesquisa escolar e qual o valor desse recurso didático-pedagógico para a formação de estudantes críticos e reflexivos diante dos avanços da tecnologia digital.

Por fim, pode-se perceber que sob o ponto de vista da maioria dos estudantes que responderam ao questionário, a pesquisa escolar é um recurso didático que contribui para o desenvolvimento do conhecimento e aprofundamento de temas relevantes à construção do conhecimento. No entanto, não se pode perder de vista a realidade que vivenciamos na prática docente quando o estudante perde a oportunidade de tratar a informação recebida de forma crítica e reflexiva, o que demonstra a necessidade da colaboração da comunidade escolar na formação do estudante-pesquisador.

2 A PESQUISA ESCOLAR NO CONTEXTO DIGITAL

A importância das mídias como dispositivo de socialização e educação de crianças e adolescentes é destacada por vários autores, como Junqueira (2020), Gómez (2015), Santos (2020), Moran (2018) dentre outros. Diante da nova realidade imposta com o advento das Tecnologias Digitais da Informação e Comunicação - TDICs- e da *Web* no contexto educacional, faz-se necessário entender como as mídias funcionam para compreender o processo de apropriação do conhecimento, das mensagens, dos produtos e dos recursos expressivos postos à disposição dos jovens.

Das lições de Almeida (2019) apreende-se que a proposta de inserção das TDICs nos currículos escolares como política pública aconteceu em meados de 1980, período antecedente à expansão da internet, por meio do projeto EDUCOM, que foi o primeiro projeto público a tratar da informática educacional, tendo sido gestado em encontros articulados pelo Ministério da Educação -MEC.

Perseguia-se com a introdução das TDICs na educação, segundo Almeida (2019, p. 95) propor “[...] um currículo que apresentasse uma formação crítica reflexiva, articulando o uso da tecnologia para seleção, aquisição, disseminação de informações, sempre com o objetivo último de construir conhecimentos e modificar o contexto posto [...]” .

Da proposta à implementação de ações de uso das TDICs na educação, percebeu-se a ausência de colaboração significativa das tecnologias com o fazer docente, entrave que não tem sido superado nas últimas décadas pelos programas e ações que substituíram o EDUCOM. Nesse cenário, as propostas pedagógicas que se utilizam da pesquisa escolar como suporte às novas descobertas por parte do educando da Educação Básica, precisaram buscar ou aprimorar mecanismos que mostrem os caminhos da construção crítica e reflexiva do conhecimento, com o fito de transpor as barreiras entre o que propõe o currículo voltado à integração das TDICs e o cotidiano da sala de aula.

2.1 PESQUISA ESCOLAR: CONCEITO, OBJETIVO E FINALIDADE

De acordo com Beillerot (2010) parte dos teóricos reconhecem certo procedimento como pesquisa, caso estejam presentes as seguintes condições: uma produção de conhecimentos novos; uma produção rigorosa de encaminhamento e uma comunicação de resultados. A partir dos critérios apresentados é possível inferir que a pesquisa escolar, guardadas as devidas proporções, também enquadra-se nos parâmetros estabelecidos para os diferentes tipos de pesquisas realizadas no âmbito universitário.

No tocante à produção de novos conhecimentos por parte de estudantes em formação, vale ressaltar a posição de Beillerot (2010) de que, para esse público, os resultados encontrados nas pesquisas programadas pelos docentes são conhecimentos novos. Quanto ao caminho da pesquisa, aos

estudantes da educação básica é possível mitigar o rigor metodológico, mas não prescinde da racionalidade e da compreensão. Por fim, tem-se a comunicação dos resultados, a discussão crítica e as conclusões fundamentadas daquilo que se encontrou.

De forma simplificada, o objetivo precípua da pesquisa acadêmica, trazido por Beillerot (2010), pode ser transmutado para a pesquisa escolar, partindo-se do pressuposto de que a pesquisa produzida no universo da Educação Básica também se assenta na busca de informações e/ou conhecimento. Nas palavras de Beillerot (2010, p.72) “[...] a noção de pesquisa é empregada em numerosos campos de práticas sociais, pois o lugar comum de seu uso é “simplesmente”, aquele do esforço por encontrar um objeto, uma informação ou um conhecimento”.

A pesquisa escolar, em paralelo com a finalidade da pesquisa científica, traçada por Beillerot (2010), situa-se no campo daquelas pesquisas que objetivam a transformação das ações e das práticas a partir dos novos conhecimentos produzidos. Ressalte-se que não se quer, aqui, estabelecer comparações unívocas entre a pesquisa acadêmica e a pesquisa escolar, mas utilizar-se de definições atreladas àquelas que servem a esta. Nesse contexto de pesquisa como proposta de atividade pedagógica, embora a iniciativa pela busca do conhecimento não parta de uma inquietação espontânea ou interesse intrínseco do estudante pesquisador, alcança-se a conceituação de pesquisa, assim como seu objetivo e finalidade, ainda que de forma rudimentar.

2.1.1 Formação do estudante pela pesquisa

Beillerot (2010, p. 88) pondera que o contato com a pesquisa é capaz de “desenvolver as capacidades de análise e investigação, de evitar confundir a evidência com o fato demonstrado”. Na mesma direção, Silva e Grezzana (2013, p. 85) corroboram com Beillerot (2010) ao argumentarem que “a pesquisa, a extensão e o ensino de qualidade, com fundamentação “racional”. “argumentativa”, e “lógica” (científica e filosófica) constituem a base do projeto educacional universitário [...]”.

Os autores supracitados referem-se à pesquisa universitária, todavia, interpretando-se de maneira ampla os art. 22 e 26 da Lei de Diretrizes e Bases da Educação Brasileira - LDB, (Brasil, 1996), pode-se, ao nosso ver, afirmar que há indicações implícitas da necessidade de se formar um estudante investigador. Assim dispõe o art. 22. “A Educação Básica tem por finalidades desenvolver o educando, assegurar-lhe a formação comum indispensável para o exercício da cidadania e fornecer-lhe meios para progredir no trabalho e em estudos posteriores”. (Brasil, 1996, n.p.)

Diante da determinação legal de desenvolvimento e formação para o exercício da cidadania e progressão profissional e intelectual, estender os entendimentos sobre o papel da pesquisa na formação do estudante do Ensino Superior para aqueles que se encontram na Educação Básica, faz-se pertinente

e necessário. Ademais, com a implementação da Base Nacional Curricular Comum - BNCC (Brasil, 2017) -, conforme reza o art. 26 da LDB, (Brasil 1996), o papel do estudante investigador evidencia-se na construção e reconstrução de saberes, privilegiando a edificação participativa crítica e consciente do conhecimento, vinculado à realidade vivenciada, explicitada no final do art.26 que dispõe:

Os currículos da educação infantil, do ensino fundamental e do ensino médio devem ter base nacional comum, a ser complementada, em cada sistema de ensino e em cada estabelecimento escolar, por uma parte diversificada, exigida pelas características regionais e locais da sociedade, da cultura, da economia e dos educandos (Brasil, 1996, n.p.).

O diploma legal em comento alarga a necessidade de se utilizar a pesquisa como instrumento didático-pedagógico, quando deixa a cargo de cada sistema e/ou estabelecimento escolar a escolha da parte diversificada para compor o currículo, salientando que a diversidade curricular referida, precisa contemplar a realidade que circunda o estudante, considerando-se o campo social, cultural e econômico. Sendo assim, utilizar-se da pesquisa para alcançar o propósito de conhecer e inteirar-se das características de onde se vive é, um passo consistente na formação da cidadania apregoada pela LDB.

Em um passado não muito distante, a falta de bibliotecas ou a ausência de um acervo substancial nas escolas figuravam entre as principais causas que impediam que as pesquisas se somassem ao conhecimento construído pelo estudante na sua trajetória escolar. Hodiernamente, com a internet, a queixa maior é a qualidade da informação. No próximo tópico, abordaremos, em apertada síntese, o que se observa no estudante que habita, desde sempre, o mundo que conhece a internet.

2.2 O ESTUDANTE DA ERA DIGITAL

Como superar o vazio de um conhecimento calcado em uma retórica vazia, inútil a orientar a ação e que ajude cada indivíduo a se construir de maneira autônoma, mas ao mesmo tempo compartilhada? Eis o desafio do educador da era digital. (Gómez, 2015). Lidamos com estudantes que pertencem à geração que nasceu sob a égide da tecnologia, mas que, muitas vezes, preferem ignorá-la nos cenários educacionais. Esses atores vivem dois mundos distintos: um analógico, no qual se edifica a escola, e o outro digital, aquele das relações sociais. A internet, nos ensina Junqueira (2020), caracterizou-se, desde o seu surgimento, pela liberdade de unir informações, conteúdos e *softwares* à vontade humana de inovar. São típicos da vida em rede determinar conexões, criar e espalhar novos conteúdos, participar e reinventar modos de ser e de fazer.

As novas gerações, sobretudo os mais jovens, afirma Gómez (2015) configuram-se mediadas pelas redes sociais virtuais, que incitam novos modos de vida e de ação. A rapidez com que tudo acontece faz com que os jovens se acostumem às multitarefas, dedicando uma atenção parcial a cada uma das

tarefas e demandando comunicação e gratificação instantâneas, o que provoca a diminuição de sua paciência e aumenta a sua ansiedade diante da falta do hábito de esperar. Ainda segundo Gómez (2015), as novas gerações têm a seu favor o fato de serem hábeis no meio digital, podendo escolher consumir, buscar, comparar, processar, avaliar, selecionar e criar informações.

Dessa forma, o *déficit* dessa geração, de modo geral, não se deve à carência de informação e de dados, mas de organização significativa e relevante do conhecimento que recebem e constroem. Nessa linha de pensamento, Moran (2018) defende que o estudante não deve se servir de algo pronto e acabado. Para tanto, faz-se incontestemente a necessidade de estratégias relacionadas à pesquisa escolar que estimulem os estudantes na busca e coleta de informações fidedignas e que os orientem na interpretação, reflexão, discussão e compartilhamento dos resultados encontrados.

3 RESULTADO DA PESQUISA ELABORADA PELA AUTORA

A partir de uma pesquisa calcada em uma abordagem qualitativa, realizou-se um estudo de natureza exploratória com estudantes da Educação Básica dos últimos quatro anos do Ensino Fundamental, sexto ano ao nono ano, em uma escola pública da rede estadual, localizada na cidade de Salvador-Bahia, visando a conhecer as opiniões dos estudantes sobre o tema pesquisado, no intuito de compreender o distanciamento entre as situações reais de uso que envolvem as pesquisas escolares das situações concebidas por muito dos professores como ideais.

O contato com os estudantes foi sistematizado pelo uso de um questionário composto por dez questões objetivas, elaborado na plataforma *Google Forms*. Entende-se salutar trazer a informação de que a escolha por questões objetivas, ao invés de questões subjetivas, decorreu de particularidades inerentes ao público-alvo, composto por estudantes do segundo ciclo do ensino fundamental, que mostra dificuldades e/ou apresenta rejeição em se expressar de forma escrita.

As questões presentes no questionário versaram acerca da pesquisa escolar, abordando temas de cunho predominantemente subjetivos como preferências, expectativas e aferição de valores, sem deixar de lado questões mais objetivas, a exemplo de como e onde eles realizam as pesquisas escolares e como eles as socializam. A dinâmica para obtenção da participação dos estudantes foi assim realizada: a pesquisadora, em duas ocasiões em que desenvolvia atividades junto à coordenação, utilizou-se de um dos *chromebooks* pertencente à escola campo para realizar a pesquisa, com estudantes do turno oposto, os quais realizavam atividades de monitoria, no bojo do programa + Estudos (Mais estudos), que é um programa de monitoria entre pares, instituído pelo Governo do Estado da Bahia.

3.1 ANÁLISE E INTERPRETAÇÃO DOS DADOS

A análise dos dados coletados apoia-se nos estudos pós-estruturalistas, ao qual far-se-á uma breve apresentação, antes da referida análise, com base nas lições de Williams (2012) sob os estudos em foco. De acordo com o autor ora citado, a compreensão de dada realidade sob a ótica pós-estruturalista, não se sujeita a afirmar as situações observadas como verdades seguras apenas porque os padrões se repetem. Sendo assim, a delimitação do conhecimento apoia-se nas diversas variáveis que o compõe, definindo o limite como algo sem fronteiras, em que as situações, em movimento contínuo, se transformam e se ressignificam. Williams (2012, p. 16), assim, define esse limite: “O trabalho do limite é abrir o limite e mudar nosso senso de seu papel como verdade e valor estáveis. E se a vida tivesse diferentes padrões? E se nossas verdades estabelecidas fossem outras, não o suposto?”.

Elegeu-se analisar os dados obtidos a partir da resposta trinta e oito estudantes da referida escola campo, sob o prisma dos estudos educacionais pós-estruturalistas, por entender que no contexto em que se realizou a pesquisa em tela, mostram-se tais estudos condizentes com a reflexão, despidas de julgamentos baseados no senso comum, que se pretende fazer acerca da pesquisa escolar.

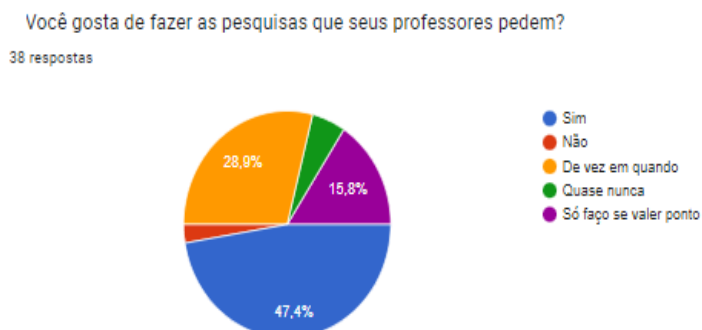
A análise que segue foi feita a partir da captura das imagens obtidas nos resultados organizados pelo *Google Forms*, referentes a alguns questionamentos que dizem respeito às inquietações da pesquisadora acerca da pesquisa escolar. De certo que há diversas variantes a se considerar sob o tema em foco, mas também pode-se observar um padrão na forma e função de como se realiza a pesquisa na educação básica. Portanto, ao fixar a presente análise em estudantes de uma única escola da rede pública, pretende-se chamar a atenção para algumas particularidades inerentes à pesquisa escolar, observadas tanto na literatura sobre o tema como na prática cotidiana desta professora.

3.1.1 A pesquisa escolar como recurso da aprendizagem

A partir desse momento, passa-se à análise do questionário já referido, relacionando-o à pesquisa escolar no contexto digital como recurso inerente à aprendizagem dos estudantes da educação básica. Quando questionados a respeito da preferência em realizar as pesquisas solicitadas pelos professores, 47% dos participantes sinalizaram positivamente, enquanto 28,9% optaram pela eventualidade da solicitação e 15,8% atrelaram a feitura da pesquisa à pontuação determinada pelo professor para esse procedimento (figura 1). Quanto à importância da pesquisa para a própria aprendizagem, 97,44% dos estudantes reconheceram o papel positivo da pesquisa na construção das suas aprendizagens (figura 2). Já a primazia da pesquisa em *sites* e nos livros não sobrepujou de maneira exorbitante aquelas construídas somente com o apoio da internet (figura 3).

Opinião dos estudantes sobre o gosto em realizar as pesquisas

Figura 1



Fonte: Elaborado pela autora, a partir de gráfico construído pelo *Google forms*.

O grau de importância da pesquisa para a própria aprendizagem

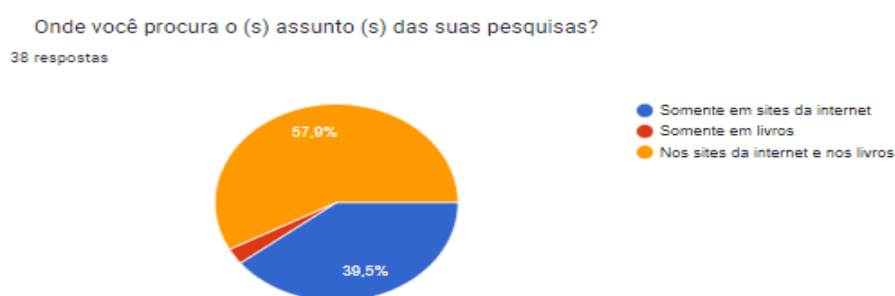
Figura 2



Fonte: Elaborado pela autora, a partir de gráfico construído pelo *Google forms*.

Fontes das pesquisas realizadas pelos estudantes

Figura 3



Fonte: Elaborado pela autora, a partir de gráfico construído pelo *Google forms*.

As três figuras acima trazem questionamentos ligados à pesquisa escolar no contexto digital e sua contribuição para a aprendizagem. Costa (2011) afirma que o ciberespaço ainda não pode ser considerado um lugar frequentado por todos os estudantes, alertando-nos, no entanto, que quanto mais precoce crianças e adolescentes "[...]invadirem-no' e puderem controlá-lo, mas se desenvolverão em suas capacidades motoras, linguísticas e cognitivas." (Costa, 2011, p.26).

Nessa pesquisa, constatou-se que a internet é utilizada com frequência com o fito de elaborar as pesquisas escolares, sendo considerada um instrumento de peso pelos participantes, na busca e construção do conhecimento.

Chama-nos a atenção a palavra 'invasão' conjugada à palavra 'controle', ambas, utilizadas por Costa (2011). Entendemos que tais ações são essenciais para que os estudantes da Educação Básica sejam capazes de compreender as imprecisões e as inverossimilhanças presentes nos conteúdos espalhados pela rede. Ressalve-se, todavia, que as distorções da realidade não são típicas da internet, tampouco são peculiaridades criadas, tão-somente pelo mundo digital, visto que as informações incorretas fazem parte da história da civilização (Palfrey e Gasser, 2017).

Os conteúdos veiculados pelos jornais, pelos livros, pelas revistas impressas, pelos *blogs* e pelas mídias sociais são alguns dos meios *online* e *offline* de disseminação dos variados tipos de conteúdo postos à disposição das pessoas, diuturnamente. Assim, as novas gerações precisam estar dispostas a refletir sobre o que consomem, o que reproduzem e o que criam, a partir das suas pesquisas. Encontra-se nesse ponto um dos maiores desafios dos professores que atuam na Educação Básica: formar um aluno pesquisador.

3.1.2 O papel da pesquisa na formação do Estudante da Educação Básica

No que diz respeito à formação do estudante para a pesquisa, há características mais específicas para o desenvolvimento de um estudante pesquisador, mas, no geral, os caminhos apontados por Moran (2018) e hooks³ (2020), apenas para citar alguns autores, parece-nos caminhos que valorizam os conhecimentos prévios dos estudantes, respeitando suas culturas, sem deixar de incitá-los pela busca de novas descobertas, estimulando, assim, a autonomia desses sujeitos. A seguir serão analisados dois questionamentos, cuja ênfase está na atenção dada às informações (figura 4) e à construção autoral (figura 5), a partir dos conteúdos da pesquisa.

Preparação do conteúdo da pesquisa escolar pelo estudante

Figura 4

Quando você encontra o assunto da sua pesquisa na internet, você lê mais de uma das opções mostradas pelo site de busca para elaborar a sua pesquisa?

38 respostas



Fonte: Elaborado pela autora, a partir de gráfico construído pelo *Google forms*.

Indícios de autoria

Figura 5

Depois que você encontra o assunto da sua pesquisa na internet, você lê os textos sobre o assunto, antes de escrever ou digitar sua pesquisa?

38 respostas



Fonte: Elaborado pela autora, a partir de gráfico construído pelo *Google forms*.

Utilizando-se de uma confissão de hooks (2020) que se expõe e conta de suas práticas de ensino, no início de sua carreira docente, remeter-se-á à abordagem conteudista, explicitada na narrativa da autora supracitada para fazer alusão ao desempenho do professor na formação do estudante-pesquisador.

Quando comecei a trabalhar em sala de aula, assim como vários professores, minha maior preocupação, quiçá obsessão, era se uma quantidade substancial de informações seria ou não abordada. Para ter certeza de que daria tempo de trabalhar em sala de aula o material que eu acreditava ser realmente importante, eu evitava reservar um tempo para que os estudantes se apresentassem ou compartilhassem algumas informações sobre suas origens, seus desejos e sonhos.” (hooks, 2020, p.25)

A formação do estudante-pesquisador passa pelo percurso que o docente imprime nas suas aulas. Se a preocupação conteudista ultrapassar a necessidade de fazer os discentes conhecerem a si próprios e ao mundo em seu entorno e além deste, torna-se cada vez mais distante o despertar da autonomia apregoada por hooks (2020), que fora influenciada pela obra de Paulo Freire. Nesse cenário, as tecnologias digitais facilitam a aprendizagem através da pesquisa escolar, embora, como nos traz Moran (2018, p. 11) haja “[...] inúmeros problemas, desafios, distorções e dependências que devem ser parte do projeto pedagógico de aprendizagem ativa e libertadora”.

Retornando à análise dos dois gráficos apresentados nesse tópico, sob a perspectiva da prática docente vivenciada por esta professora-pesquisadora, em se tratando da pesquisa escolar em meio digital, tem-se que os estudantes entendem, em certo grau, que se faz importante pesquisar em mais de um *site*/fonte, e que a compreensão e interpretação do material colhido na internet é parte que se vincula ao ato de pesquisar, ainda que, na prática, os indícios de autoria nas pesquisas pareçam ser pouco frequentes.

Ainda sobre o papel do professor, Silva e Grezzana (2013), salientam que a atuação do estudante-pesquisador depende da ação de orientadores capazes de propiciar a aprendizagem de métodos e técnicas de pesquisa científica ao estudante orientado, além de contribuir para que o aluno supere seus medos. Não há como negar que os estudantes costumam carregar consigo inseguranças as quais minam suas aventuras como pesquisador, ainda que na Educação Básica não se exija o rigor metodológico da academia.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Usar a tecnologia da informação passa a ser cada dia mais definidor da capacidade dos serviços, do trabalho e dos intercâmbios, que estarão cada vez mais acessíveis apenas por meio da rede. Nesse cenário, urge a necessidade de formação de novos cidadãos para viver em um novo ambiente digital, no qual a escola também está inserida e onde o estudante contemporâneo acessa uma quantidade de informações fragmentadas que, muitas vezes, superam sua capacidade de organização, ocasionando a dispersão da sua atenção e saturando a sua memória, deixando-o atordoado e inseguro acerca da sua capacidade de autoria.

Nesse trabalho foi possível perceber que o aprendente incorpora e adota progressivamente o conhecimento e a cultura da comunidade, enquanto participa nas práticas sociais globais e, em grande parte, virtuais, exigindo da escola o compromisso e engajamento nesse processo, compartilhado de construção social do conhecimento.

Diante dessa constatação, a prática da pesquisa instituída pela escola, ainda que utilizando-se da internet, continua a apresentar-se como uma atividade mecanizada que carece de significação. Ainda hoje, muitos estudantes encaram o trabalho de pesquisa como mera tarefa a ser cumprida, sem compromisso com a construção do seu percurso de aprendiz. Modificar essa realidade é um dos desafios da escola em tempos de pesquisas em meio digital.

A pesquisa ora apresentada não analisou a importância da pesquisa escolar no contexto digital no âmbito das metodologias ativas, por isso sugere-se que estudos futuros investiguem as práticas escolares calcadas em atividades pedagógicas que fomentem a aprendizagem ativa na Educação Básica.

REFERÊNCIAS

Almeida, S.C.D (2019). Convergências entre currículo e tecnologias. Editora intersaberes <https://plataforma.bvirtual.com.br/Leitor/Publicacao/171276/pdf/0>

Beillerot, J. A (2010). “Pesquisa”: Esboço de uma análise. In O papel da pesquisa na formação e na prática dos professores. Marli André (org). Papirus. <https://plataforma.bvirtual.com.br/Leitor/Publicacao/2344/pdf/0>

BRASIL (1996). Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional. Lei número 9394, 20 de dezembro de 1996. Retrieved 19 July 2022, from: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/19394.htm.

BRASIL. (2017) Base Nacional Comum Curricular,. Portaria nº 1.570 20 de dezembro de 2017 . Retrieved 20 August 2022, from http://basenacionalcomum.mec.gov.br/images/BNCC_EI_EF_110518_versaofinal_site.pdf.

Costa, S.R. Oralidade, escrita e novos gêneros (hiper) textuais na internet In: Leitura e escrita de estudantes na internet. Freitas, M.T.A e Costa, S.R (orgs). Ed. Autêntica. <https://plataforma.bvirtual.com.br/Leitor/Publicacao/192490/epub/0>.

Gómez, Á.I. P. (2015). Educação na Era Digital. Grupo A. <https://integrada.minhabiblioteca.com.br/books/9788584290246>.

hooks, b. (2020). Ensinando pensamento crítico: sabedoria prática. 1st ed. São Paulo: Editora Elefante.

Junqueira, E. (2020) A EAD, os desafios da educação híbrida e o futuro da educação [Ebook] (1st ed.). Parábola. Retrieved 30 January 2020, from https://www.dropbox.com/s/iempthp58c46oyv/Tecnologias_digitais_e_escola.pdf?dl=0.

Moran.J. (2018). Metodologias ativas para uma aprendizagem mais profunda in: Bacich, L. e Moran, j. (orgs.). Metodologias Ativas para uma Educação Inovadora: uma abordagem teórico prática. Penso.

Palfrey, J., & Gasser, U. (2017). Nascidos na Era Digital Grupo A. <https://integrada.minhabiblioteca.com.br/books/9788536325354>.

Santos. P. The web as na incterative tool [Ebook] (1st ed.). Must University. Retrieved 20 January 2020, from <https://my.mustedu.com/mod/url/view.php?id=23493&typemod=tpurlw1&modulo=url>

Silva e Grezzana (2013) Pesquisa como princípio educativo. Editora intersaberes. <https://plataforma.bvirtual.com.br/Leitor/Publicacao/6209/pdf/0>

Williams. J. (2012). Pós-estruturalismo. Editora Vozes. <https://plataforma.bvirtual.com.br/Leitor/Publicacao/114711/pdf/0>